

# **Mitos e Neuroses**

Desarmonia da vida moderna

Paul Tournier

# Mitos e Neuroses

Desarmonia da vida moderna

A B U  
E D I T O R A



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

---

Copyright © 1947, Delachaux et Niestlé, S.A., Neuchatel, Suíça

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Publicado originalmente sob o título *Désharmonie de La Vie Moderne*. Traduzido do espanhol com permissão e com todos os direitos reservados à ABU Editora e Editora Ultimato.

PRIMEIRA EDIÇÃO:  
Julho 2002

TRADUÇÃO:  
Yara Tenório da Motta

REVISÃO:  
Milton Azevedo Andrade  
Délnia M. C. Bastos

CAPA:  
Sonia Couto  
(Sobre foto de Kléos M. Lenz César Jr.)

---

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro

---

T725m  
2002

Tournier, Paul, 1898-1986

Mitos e neuroses; desarmonia da vida moderna / Paul Tournier; tradução de Yara Tenório da Motta. — São Paulo: ABU Editora ; Viçosa : Ultimato, 2002.  
160p.

Tradução de: Mitos y neurosis.

ISBN 85-86539-52-X  
ISBN 85-7055-039-1

1. Psicologia social. 2. Neurose. 3. Mitos. I. Motta, Yara Tenório da. II. Título.

CDD: 157.7

---

**ABU Editora**

Caixa Postal 2216 – 01060-970 São Paulo, SP  
Telefone: (11) 5031-6278  
[www.abub.org.br/editora](http://www.abub.org.br/editora)

**Editora Ultimato**

Caixa Postal 43 – 36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: (31) 3891-3149 – Fax: (31) 3891-1557  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

■ *Primeira reimpressão*: abril de 2006

Para nossos dois filhos, Jean-Louis e Gabriel, e para essa  
geração jovem, à qual a nossa geração deve pedir perdão,  
por lhe haver legado um mundo tão enfermo.

# Sumário

Apresentação . . . . .	9
1. O Conflito Interior do Homem Moderno . . . . .	13
2. A Hierarquia na Pessoa . . . . .	43
3. A Separação entre o Espiritual e o Temporal . . . . .	69
4. O Mito do Progresso . . . . .	93
5. O Mito do Poder . . . . .	117
6. A Cura . . . . .	133
Obras Citadas . . . . .	153

# Apresentação

Uma foto de Tournier mostra um senhor meio calvo, de fisionomia bondosa, sentado ao lado da lareira de sua casa, batizada de “Le grain de blé” (O grão de trigo), na cidadezinha de Troinex, subúrbio de Genebra, o mesmo local em que nasceu e terminou seus dias, aos 87 anos, em 8 de outubro de 1986. Pois bem, sempre que leio (ou releio) algum de seus livros, tenho a sensação de estar naquela sala, conversando com um velho amigo. Seus textos são todos assim — escritos com um tom de intimidade que torna a leitura agradável e fluente.

Mas não nos enganemos. Esse estilo coloquial, essa humildade intelectual convivem com grande sabedoria e cultura privilegiada; de forma que, se você se der ao cuidado de reler algumas de suas páginas, vai encontrar certamente idéias que passaram despercebidas em leituras anteriores.

Assim é o livro que o prezado leitor tem em mãos. É sem dúvida obra profunda, embora não difícil. Nele, Tournier chama a atenção para um tema de transcendental importância: o “espírito desta época” está doente. Isso quer dizer que os problemas emocionais do homem e da mulher modernos não são gerados, na maioria das vezes, apenas por suas experiências e traumas infantis, nem por qualquer outro fator individual. Não. É toda uma cultura que padece de uma enfermidade cuja origem está na repressão do espiritual, no abandono de suas fontes cristãs (sem, com isso, ter-se esquecido dos valores cristãos). Assim, as pessoas estão divididas: guardam no mais profundo do seu ser um anseio por uma vida mais elevada, ao mesmo tempo que se deixam arrastar pela onda de egoísmo cínico que caracteriza nossa época e que as leva a reivindicar uma liberdade quase irrestrita, mas desvinculada da correspondente responsabilidade. E eis um ponto a realçar: embora escrito antes da metade do século passado (1947), o livro é mais pertinente hoje do que quando foi publicado pela primeira vez, já que os problemas que Tournier aborda não fizeram mais do que se agravar.

E a cura? É esse o grande desafio atual da Igreja, não apenas como instituição, mas também como comunidade daqueles que foram tocados por Jesus. “Vivemos — diz Tournier — a hora da Igreja”. E como a enfermidade do mundo afeta cada um de nós, “a cura do mundo depende da nossa cura pessoal”. Este livro se propõe a auxiliar nessa cura.

Quero terminar esta breve apresentação, relatando um fato interessante, que mostra como os escritos de Tournier, embora aparentemente dirigir-se mais ao intelecto, produzem efeitos profundos no coração. O caso é narrado pelo psicólogo cristão Gary Collins em seu livro *The Christian Psychology of Paul Tournier* (A Psicologia Cristã de Paul Tournier). Ao terminar seu primeiro livro, havendo-o submetido à crítica de amigos cristãos, viu-se frente a opiniões tão contraditórias, que resolveu procurar um antigo professor e amigo, homem descrente mas de profundo bom senso, em quem nosso jovem autor depositava grande confiança. “Leia o livro para mim”, pediu o professor. Depois de várias horas de leitura, o homem interrompeu-o com um pedido: “Está bem. Agora vamos orar.” Espantado, perguntou Tournier: “Mas, como? O senhor agora é um cristão? Quando se converteu?” “Agora”, respondeu o professor.

Que nosso Pai de toda a bondade abençoe sua leitura para que ela o ajude a crescer mais e mais na maravilhosa graça do Senhor Jesus.

São Paulo, junho de 2002

***Zenon Lotufo Jr.***

*Pastor e psicoterapeuta, coordenador do Curso de  
Especialização em Aconselhamento Pastoral do CPPC  
(Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos)*



## Capítulo 1

# O Conflito Interior do Homem Moderno

Não é preciso ser muito perspicaz para perceber que o mundo moderno não goza de boa saúde. Seus males são inumeráveis; ele está tendo convulsões. É evidente que precisa restabelecer-se.

O que o aflige?

Este é o problema que se apresenta todos os dias para um médico diante de seu paciente. Enumerar os sintomas, discernir os mecanismos que desencadeiam tais sintomas e examinar de perto as lesões dos órgãos mais afetados não significa, entretanto, fazer um diagnóstico.

Muitos homens lúcidos procuram hoje em dia formular um diagnóstico desse modo, e a maioria o faz com prudência, sem dissimular a dificuldade de que esses exames se revestem. Além disso, tais diagnósticos muitas vezes são contraditórios, o que faz aumentar a nossa perplexidade. Os esforços despendidos, no entanto, não são em vão: eles procuram, e nada encontra quem não procura. É neste sentido que me uno a eles, não como alguém que creia já ter obtido o diagnóstico correto. Como eles, eu também quero obtê-lo.

Quando nos deparamos com um “caso difícil”, constituímos uma junta médica. Em conjunto examinamos o paciente para fazer um diagnóstico preciso. Cada um dos médicos formula a sua hipótese particular. Depois voltamos a examinar o paciente e verificamos se a hipótese corresponde aos sintomas observados.

É com este espírito que escrevo este livro; vou submeter ao julgamento do leitor as hipóteses que me ocorrerem quando estiver procurando compreender a doença do mundo moderno.

Atualmente cada uma de nossas disciplinas passa por uma crise: a ciência, a medicina, o direito. Há também a crise política e econômica, a crise filosófica e a religiosa. Os especialistas poderiam manifestar-se e descrever, muito melhor do que eu, cada uma dessas crises, e muitas outras mais.

Não sou historiador, nem teólogo, nem sociólogo. Inclusive em minha própria área, sou o menos especializado dos médicos. Não sou mais do que um observador dos seres humanos, dos homens que são infinitamente diferentes e ao mesmo tempo infinitamente iguais entre si, que dia após dia abrem o seu coração para mim. Para eles escrevo, porque por trás de todas essas crises particulares está a crise do homem moderno. Temos que especificá-la, e isso será uma tarefa difícil de se fazer.

Procurei encontrar o início do fio da meada, e creio tê-lo encontrado em Pascal, quando escreve: “A sucessão de todos os homens, ao longo dos séculos, deve ser encarada como se fosse um único homem, que sempre subsiste e que aprende continuamente.” Consideraremos assim a história da humanidade como sendo a história da vida de um homem.

Quando um paciente nos procura, a primeira coisa que fazemos é interrogá-lo sobre a sua infância e adolescência. Procuramos compreender como ele se desenvolveu.

A infância da humanidade é a Antigüidade. O nosso paciente foi uma criança-prodígio. A Antigüidade tem todas as características de uma criança-prodígio, que parece descobrir, espontaneamente e sem qualquer esforço, os tesouros mais puros, mais verdadeiros e maiores. Isto ocorre especialmente no campo da arte, da poesia, dos sonhos, como se todas as obras-primas tenham brotado da sua cândida alma.

Entre os doentes de quem tratei nos últimos anos, conheci muitos que haviam sido crianças-prodígios mas que, quando adultos, pareciam estar passando por uma crise bem profunda, na medida que suas

dificuldades atuais divergiam dos êxitos da infância. Lembro-me de um deles, em particular, que na sua juventude havia tido muitas vitórias que foram fáceis, em comparação com a mediocridade de tudo o que conseguia empreender então em sua vida adulta. Tal era o seu desespero que se refugiava na mais completa inação, e tinha uma obsessão pela idéia de suicídio.

A infância, a Antigüidade, é a idade da poesia.

Depois a humanidade passou pela Idade Média, que podemos comparar com a idade escolar. A criança de 8 a 15 anos aprende criteriosamente tudo o que lhe ensinam. Acredita em tudo o que lhe dizem que deve crer. Aceita sem discussão a autoridade dos pais e dos professores. É a idade da religião aprendida. Do mesmo modo, na Idade Média os homens cresceram no sistema de pensamento que o seu mestre, a Igreja, lhes impôs. Tudo aceitaram sem a menor crítica, sem sequer se dar conta — tal como uma criança — de que o mestre tinha seus defeitos. É a idade em que se crê que aqueles que instruem sabem tudo e são perfeitos. A criança considera-os como sendo deuses. Aceita a fé e a moral que lhe ensinam e, ainda quando desobedece, não questiona a autoridade que eles têm.

Depois vem o período da adolescência. Grande quantidade de conhecimentos novos, a embriaguez do saber e a aspiração à experiência pessoal apresentam ao adolescente uma infinidade de problemas que seus pais parecem ter-lhe ocultado. Ele se levanta então contra os pais; rebela-se. Reivindica o direito de pensar por si mesmo e não segundo um sistema de pensamento tradicional; reclama o direito de conduzir-se a partir do seu próprio entendimento e não sob alguma autoridade. Também julga os pais e vê que eles não aplicam em sua vida a moral que lhe ensinam. Discute com eles acerca de todas as coisas e vence a discussão quando lhe confessam não terem respostas para as insaciáveis perguntas que lhes faz.

Não podemos comparar essa crise da adolescência com a que foi causada pelo Renascimento?

O que caracteriza o adolescente é que essa afirmação de si mesmo, entretanto, é negativa. Ele acredita estar livre e que pode provar a sua liberdade infringindo a tudo aquilo a que docilmente se subordinara até então. Contudo a sua liberdade tem mais palavras e discussões do que atividades criativas. Dizer *não* a todas as coisas que antes tinha aceitado, não é isso que significa ser livre.

Do mesmo modo, depois do Renascimento a humanidade assumiu a posição oposta à cosmovisão que a Antigüidade e a Idade Média lhe haviam ensinado. Substituiu a visão espiritual, religiosa e poética do mundo por uma visão científica, realista, econômica. Tal como o adolescente, a humanidade lançou-se, apaixonada e tumultuosamente, ao estudo de doutrinas extremistas e contraditórias. Foi uma violenta reação contra a pretensão que tivera, no fim da Idade Média, de colocar toda a cultura e a vida num sistema rígido e lógico, proveniente da fé.

Assim como o jovem rebelde acusa seus pais, o mundo moderno acusa a Igreja de ter sido o grande obstáculo que o impediu de chegar a ter uma identidade própria, de pensar livremente. São palavras de Nietzsche: “A idéia de Deus foi, até o presente momento, o maior obstáculo contra a existência.”

Uma outra característica do nosso jovem adolescente é a injúria. Ele denigre os valores em que foi educado. Zomba dos pais. Vê neles hipocrisia no seu conformismo moral e social. Neste ponto nos lembramos de Sartre, esse homem tão característico da época moderna, que vê uma farsa em tudo. “Consideremos este garçom — escreve ele — ... que brinca de ser garçom.” E o que ele denigre são fundamentalmente os valores tradicionais. Para ele, “ser pai de família é ser, sempre, e de modo inevitável, alguém que brinca de ser pai de família...” — como escreve também Gabriel Marcel,<sup>1</sup> enfatizando ainda “o ressentimento que anima Sartre contra tudo a que se possa chamar de ‘ordem social’ ou, simplesmente, de ‘ordem’.”

A visão do mundo que Sartre tem é, assim, exatamente igual à do nosso jovem rebelde, que denuncia o que há de encenação nas personagens admiradas em sua infância, das quais tem agora um amargo ressentimento.

Assim, podemos comparar os séculos em que o homem viveu, a partir do Renascimento, com os anos críticos da adolescência.

Essa crise é necessária e normal. Antes de chegar à maturidade, o jovem tem de passar por esse tempo de ebulição em que questiona tudo. Chegará um dia em que recobrará os tesouros da infância e voltará às crenças dentro das quais foi educado e aos princípios que lhe foram transmitidos, porque eram verdadeiros. A vida fará com que os redescubra. Mas então lhes dará um tom pessoal, assumindo-os como se fossem convicções próprias, fundadas em suas experiências mais

íntimas. É o que se chama, na psicologia, de integração.

\* \* \*

Entretanto, a integração às vezes tarda a aparecer, e a crise da adolescência adquire proporções de uma doença. É o que os psiquiatras chamam de “neurose de oposição”.

Creio que foi isso o que aconteceu no desenvolvimento da história humana. É o diagnóstico que proponho acerca do nosso mundo moderno. Assim, antes de prosseguirmos com o nosso exame, vou esclarecer melhor o que é neurose de oposição.

O doutor A. Maeder, de Zurique, descreve um caso, com a exatidão e os detalhes que lhe são peculiares, em seu bom livro *Vers la Guérison de l'Âme* (Para a Cura da Alma).<sup>2</sup> Vou resumir-lo brevemente, mas recomendo ao leitor que leia a narração detalhada do autor.

Um certo professor envia ao doutor Maeder um aluno de 17 anos, a cujos graves fracassos escolares somava-se uma atitude de rebeldia. Esse adolescente, a quem Maeder chama de Max, só pensava em *jazz*; chegou a roubar dinheiro de seu pai para cobrir os gastos com uma orquestra com que se envolvera, em vez de trabalhar. Max mostrava-se reservado diante do médico, respondendo laconicamente a suas perguntas. No entanto, deixa entrever que há um grave conflito entre ele e o pai, o que faz com que constantemente o enfrente. Isso explica a sua frieza, já que perante qualquer autoridade — e o médico é uma autoridade, assim como são os professores — o que ele faz é demonstrar uma atitude de rebeldia, tal como a que vinha tendo para com o seu pai.

Diante da boa disposição do médico, porém, o jovem se desarma um pouco e explica as críticas que faz de seu pai: este o tinha decepcionado muito; não tomou a defesa de sua mãe quando seus avós paternos a acusaram injustamente. Essa fraqueza havia destruído a autoridade do pai sobre o filho.

No dia seguinte o médico vê que Max está um pouco mais aberto. Não está mais arrogante. Confessa com sinceridade que se sente infeliz, que seus fracassos pesam-lhe muito e que se acha impotente para mudar de atitude; e lamenta as decepções que causou ao pai. Mas quando o

médico sugere que diga isso a ele, Max rebela-se:

— Você não vai exigir que eu faça o contrário do que tenho feito até agora, não é?

E fica pasmado quando o doutor Maeder replica:

— Você me disse ontem que era um revolucionário. Então, fazer o contrário do que você fazia antes, isso não é agir como um revolucionário?

— Pode ser... — foi sua breve resposta.

Quando questionado sobre sua fé, o jovem responde que não acredita mais em Deus. Diz ter adotado a esse respeito uma atitude de independência.

O médico chama depois o pai do rapaz, para preparar um encontro entre os dois. O pai mostra-se também bastante reservado. Forçando a situação, Maeder pergunta-lhe se ele não reconhece ter também alguma responsabilidade diante do problema familiar. Após o choque inicial, o pai acalma-se. Seus olhos ficam úmidos; o gelo se quebra. Reconhece os seus erros e se diz disposto a dar uma explicação completa e sincera ao filho.

A conversa que Max tem com seu pai leva umas quatro ou cinco horas. O pai segue os conselhos do médico e trata o filho com benevolência. Assegura-lhe que quer ajudá-lo e que o seu desejo é deixar que escolha livremente entre os estudos e a música. Max fica consternado e volta a procurar o médico: agora que se sente livre percebe que suas dificuldades têm raízes em si mesmo; ele tem, na verdade, “medo de si mesmo”. Espontaneamente confessa suas mentiras, o sentimento de culpa por masturbar-se, os pensamentos “sujos”... Acrescenta que dúvida de si mesmo, já que, apesar de todos os seus esforços, nunca chegou a nada.

O médico explica-lhe então o importante papel que o conflito com seu pai desempenhou em seus fracassos: atrelada à atitude de rebelião contra o pai estava, de um lado, a rebelião escolar, o conflito com os professores, do qual, em última instância, ele mesmo fora a vítima. E, por outro lado, havia também a rebelião contra Deus, a autoridade suprema, mas que é, ao mesmo tempo, a fonte que pode lhe dar toda a vitória sobre si mesmo. “A situação central do homem está representada na parábola do retorno do filho pródigo”.

Assim a entrevista passa, sem se perceber, do campo da psicoterapia para o campo da cura da alma. E o médico compartilha suas próprias

experiências religiosas, mostrando ao rapaz como, na presença de Deus, submetendo-se à vontade dele, é possível aceitar-se tal como se é, aceitar o combate da vida com maturidade, aceitar a sexualidade e dominá-la.

E Max compromete-se a seguir esse novo caminho com grande empenho.

“O realismo quase cínico de outros tempos na verdade ocultava a fonte de um ‘idealismo’ que agora ele professa abertamente” — acrescenta Maeder.

\* \* \*

Mas por que dizemos que se trata aqui de uma neurose, e não de uma simples crise normal da adolescência?

Em primeiro lugar, o que caracteriza a neurose é a angústia. Esse jovem, que inicialmente se mostrava tão seguro de si mesmo, deixou transparecer, na segunda sessão, por trás da fachada de petulante, uma angústia profunda. Confessou que não estava contente consigo mesmo. A primeira tarefa do médico foi ajudá-lo a tomar consciência dessa insatisfação secreta.

De igual modo, há no homem moderno uma oculta insatisfação consigo mesmo, uma angústia da qual nem sempre tem consciência. Ele também se mostra ora inocente, ora acusador; denuncia os culpados: sua esposa, o partido adversário, ou um Estado vizinho. Mas se conversarmos com ele com maior intimidade, não tardaremos a ver que todas as suas críticas escondem uma angústia interior. Lembro-me agora de uma outra expressão de Sartre, muito típica de nossos tempos: “O homem é angústia”.<sup>3</sup>

Uma outra característica da neurose é a esterilidade. Os grandes sonhos daquele rapaz, inclusive seu autêntico interesse pelo *jazz*, eram apenas fugas e compensações; não deram frutos e não o livraram da sua angústia. Da mesma maneira podemos encontrar no mundo atual valores, elites literárias, artísticas e espirituais que estão, porém, de algum modo, fora de foco, e que não desempenham nenhum papel que contribua para o destino da sociedade.

O que há de realmente trágico nas neuroses é que o esforço que se faz para escapar dela é o que acaba provocando-a. Podemos comprovar

isso diariamente com nossos pacientes: é como se a doença os levasse a cortar a corda que os mantém suspensos. Se depositam toda a sua confiança em alguém, um impulso os leva a destruir, com a sua própria conduta, essa confiança. Se desejam abrir-se com alguém e acabar com os mal-entendidos, agem de tal maneira que os desentendimentos, pelo contrário, se multiplicam, o que lhes agrava a solidão. Se precisam ir bem numa prova, estudam com tanto ardor e com tanta angústia que na hora da prova perdem completamente o sangue frio e ficam totalmente aturdidos.

Percebo este paradoxo também no mundo moderno. Os esforços feitos para superar situações negativas são a causa da própria perdição. Tudo o que é feito para evitar a guerra é o que a precipita. Os esforços para que haja estabilidade na produção transtornam a economia e aumentam a miséria. O trabalho que se faz para conhecer a fundo os segredos da natureza e captar suas forças levam às armas nucleares, que ameaçam destruir tudo o que se construiu ao longo dos séculos. Os esforços para livrar o homem da servidão social o fazem cair em lutas em que sofre mais do que na situação anterior.

Tendo este ponto de vista, a crise do nazismo não teria sido um ato de neurose semelhante, que o precipitou justamente para a sua própria ruína, com os mesmos meios que foram escolhidos para dela tentar escapar? “O nacional-socialismo — escreve Röpke<sup>4</sup> — foi, em larga escala, a forma alemã de uma doença mental internacional”. É interessante comprovar, por outro lado, como a aventura nazista evoca certos conflitos próprios da adolescência, tais como a fuga. “O fugitivo — nos diz o Dr. Allendy<sup>5</sup> — arremete-se, sem pensar, à realização de um projeto que o fascina, não se preocupando com o que depois possa acontecer; ele é refratário a qualquer argumentação em contrário.” Consideremos as palavras de Goebbels: “Se vencermos, todos quererão ser nossos amigos.” Tal como acontece com os neuróticos, o desejo de ser amado leva a fazer precisamente o que é necessário para gerar o ódio.

Este comportamento oposto ao que se deseja é uma das características próprias da neurose; é o que lhe confere uma aparência de maldição, de um aprisionamento fatal, de levar à autodestruição, de ser uma força demoníaca. Foi justamente com o campo de concentração de Buchenwald que o psicanalista Jung restaurou a velha noção bíblica de demônio.<sup>6</sup> André Malraux,<sup>7</sup> numa entrevista, também a



evocou dessa mesma forma, assim como em relação à bomba atômica. São conhecidas as palavras de Valéry: “Nós, os civilizados, sabemos agora que somos mortais”.<sup>8</sup> E o físico George acrescenta, um dia depois de Bikini (ilha em que foram feitas experiências com a bomba atômica, em 1946): “A mortalidade das civilizações aumentou bruscamente”.<sup>1</sup>

Esta impressão que se tem do mundo correndo para a sua total perdição evoca muito bem a idéia de um impulso inconsciente. Gabriel Marcel<sup>1</sup> escreve acerca da obra de Sartre, dizendo que a seguinte questão paira no ar: “Será que essa filosofia não se dirige para os abismos onde a nossa desventurada espécie corre o risco de ser exterminada pelo poder da autodestruição?”

Definitivamente, o que caracteriza a neurose é que ela tem origem num conflito interior inconsciente. Segundo Jung, “a neurose é uma doença porque não é consciente de seus problemas”. Isso ficou claro no caso relatado pelo Dr. Maeder. A base da cura residiu no esforço do médico em ajudar o paciente a passar do plano de seus problemas aparentes para o verdadeiro problema em seu interior.

Será que o homem moderno não sofre também de um conflito interior inconsciente, ignorando totalmente qual é o seu verdadeiro problema? Será que, apesar da busca febril para afastar o perigo das dificuldades políticas e econômicas — que vê como a única causa de seus males, não obstante o aumento constante de poder, o desenvolvimento da ciência e o recrutamento em massa de indivíduos para incrementar a produção —, a angústia do homem moderno não diminui porque o seu verdadeiro problema está em outra parte?

Será que ele não expulsou da consciência o seu real problema, a verdadeira causa do seu tormento, e por isso mesmo o projeta sobre tudo que toca?

Voltemos ao que estávamos dizendo sobre o Renascimento. De repente a humanidade rejeitou aquilo pelo que vinha se orientando até então e decidiu não levar em conta os juízos de valor, não confiar em nenhuma intuição metafísica, em nenhuma inspiração poética, em nenhuma revelação transcendental. Resolveu construir sua civilização somente a partir das realidades materiais e do conhecimento objetivo. Aparentemente ela se preocupa bem pouco, na atualidade, com problemas de ordem filosófica, artística, moral ou religiosa. Deixou que os

especialistas nessas áreas batessem em retirada, como se esses problemas não tivessem mais importância em relação ao seu destino, que acredita estar agora sendo regido pela economia, pela ciência, pela técnica e pela política.

Acrescente-se a isso o fato de não ter podido eliminar os problemas de ordem qualitativa e afetiva, mas apenas os reprimiu em seu inconsciente. Jung mostrou a extrema importância do inconsciente coletivo da humanidade, onde dorme tudo aquilo que tinha animado o seu espírito no passado: o mundo do símbolo, da poesia, da verdade e da justiça. Assim como Freud revelou o inconsciente animal, dos instintos, Jung estudou o inconsciente espiritual, que o Dr. Stocker<sup>10</sup> denomina inconsciente superior, e que permanece intacto e ativo no homem moderno, sem que ele perceba. “As religiões... foram escolas de vidas” — escreve Rougemont.<sup>11</sup> “Não resta a menor dúvida de que as grandes religiões universais tiveram sob sua responsabilidade a educação da humanidade” — afirma Maeder.<sup>2</sup>

Chega-se à neurose quando se reprime algo que não foi eliminado. O homem moderno acredita ter suprimido deste mundo os valores, a poesia, a consciência moral, mas não fez mais do que uma repressão, e por isso sofre. É tal como o jovem paciente do Dr. Maeder que — por compreender que a moral, que para ele o pai encarnava, e contra a qual ele lutava, na verdade era por ele levada bem no fundo do seu coração — vê que lutar contra ela significa lutar contra si mesmo.

É isto que é a neurose: uma luta interior.

“Cada época tem a sua doença típica” — diz o Dr. Gander.<sup>12</sup> A doença típica do nosso tempo é a neurose, que para muitos médicos aflige mais da metade da sua clientela. E não é por acaso. A nossa civilização materialista e amoral já não responde às profundas necessidades da alma.

As experiências de Pavlov com animais provaram que a neurose está relacionada com um estado de indecisão da alma ou, como se diz em psicologia, com uma ambivalência. A alma moderna titubeia. A evolução da sociedade a partir do Renascimento destruiu os tradicionais marcos de referência, e o homem contemporâneo está perdido, cambaleando entre as doutrinas mais contraditórias. O mundo lhe dá a sugestão de que o sentimento, a fé e a verdade filosófica não têm importância. Mas este homem conserva no fundo do seu coração a correta intuição de que estas são as questões realmente importantes.

O mundo nada lhe diz sobre a sede de amor que ele sente, nem sobre a sua solidão moral, nem sobre a sua angústia diante da morte, nem sobre o mistério do mal, nem sobre o mistério de Deus. Estas questões são totalmente reprimidas pelo mundo, mas elas lhe causam uma obsessão. Stocker<sup>10</sup> definiu com muita perspicácia a neurose: “um conflito interior que se estabelece entre uma falsa sugestão e uma intuição justa”. A falsa sugestão é a que é dada pelo mundo moderno; e a intuição justa é a que tem a alma apaixonada por coisas totalmente diferentes da ciência, do poder e dos bens materiais.

O homem moderno sofre de uma repressão na consciência.

\* \* \*

Vamos esclarecer isso um pouco mais.

Muitas vezes me perguntam o que penso sobre a relação que há entre pecado e doença. Creio que o esquema a seguir pode dar uma visão clara a respeito:

- O filho que ama o pai é justo e são.
- O filho que odeia o pai é injusto, mas é são.
- O filho que ama e odeia o pai ao mesmo tempo é neurótico, pois isso implica numa contradição interior.

É isso o que faz com que certos médicos digam ao paciente que ele ficará curado se deixar de lado seus escrúpulos morais e o odiar com todas as suas forças. Outros médicos, porém, dizem ao paciente que ele nunca poderá extinguir o seu ideal de amor, e que somente ficará são se abandonar o ódio.

Do mesmo modo, creio que se a humanidade, a partir do Renascimento, tivesse conseguido realmente acabar com o espiritual — “matar Deus”, como acreditaram alguns — ela estaria certamente menos enferma. Não estou dizendo que isso seria um procedimento verdadeiro e justo. Estou dizendo que sua alma não estaria dividida, não haveria ambivalência.

O homem coletivo a que Pascal se referiu rejeitou a sua infância. Em vez dos critérios morais da Antigüidade, escolheu a razão, o metro e a balança. Entretanto, o que fez foi lançar fora do campo da sua consciência os conceitos de beleza, de bem, de justiça, e a necessidade de comunicar-se com o seu Criador.

Freud viu apenas a repressão do instinto. Para ele a vida espiritual e a consciência moral provêm de uma ilusão: o medo instintivo de perder o afeto dos pais ou da sociedade faz com que o homem se submeta aos imperativos morais que se lhe impõem. “Entre os psicanalistas de primeira geração, — escreve o Dr. Maeder<sup>2</sup> — Wilhelm Stekel teve uma evolução interessante... As inúmeras obras que publicou em seus vinte primeiros anos de atividade destacam-se pela importância que dão ao instinto. Empirista nato que era, com o passar do tempo foi aprendendo e, pouco a pouco, foi reconhecendo a lei moral inerente à vida e à consciência. Terminou afirmando que as psiconeuroses são doenças da consciência.” E Maeder acrescenta: “Sabemos agora que não existe apenas a repressão do instinto, mas também a do ideal, a da consciência.” E refere-se aos homens que “imaginam ter superado a religião”, mas cuja análise psicológica revela que na verdade estão dominados por uma preocupação religiosa inconsciente. Sua agressividade contra a religião, como também a de alguns psicanalistas ateus, procede justamente dessa luta inconsciente. E eles liberam em seu interior a projeção dessa luta insuportável para calar a voz da consciência e da fé. Posso acrescentar o meu próprio testemunho ao de meus colegas. Muitas vezes surpreendi-me com o fato de que os que tinham a atitude mais incrédula eram, na verdade, os mais perseguidos por um problema espiritual, que não tinham conseguido extirpar. Um deles, que era comunista, veio procurar-me com as seguintes palavras: “Hesitei em vir porque sei que o senhor é crente. Venho com a condição de que não me fale de Deus.” Fiquei um bom tempo respeitando a condição que ele me havia imposto, mas era ele que me falava de Deus o tempo todo!

Também Ernest Jolowicz, segundo Stocker,<sup>10</sup> dizia que certos neuróticos “não resolveram seus problemas transcendentais, apenas os reprimiram”.

Um psiquiatra francês, o Dr. Baruk,<sup>13</sup> diretor do sanatório de Charenton, em Paris, esclareceu maravilhosamente o fenômeno da repressão da consciência e suas conseqüências. Num livro muito interessante confessa sem rodeios que, baseado em fundamentos científicos, clínicos e experimentais, chegou a descobrir o importante papel da consciência moral.

De modo algum, como pretenderam os freudianos, a consciência moral se reduz no homem a funções psíquicas e mentais. Ela difere destas. A

prova que o Dr. Baruk traz é o fato de que numa pessoa “alienada, completamente incoerente e de aspecto demencial, pode subsistir uma personalidade moral surpreendentemente perspicaz, com um agudo senso de justiça, e do bem e do mal...” Inversamente descreve, com Trélat, as “loucuras lúcidas”: “a inteligência, as faculdades intelectuais mostram-se intactas nesses indivíduos”; essa integridade contrasta com a alteração da consciência moral, o que em muitos sentidos é ainda mais perigoso para a sociedade.

“Pois bem — acrescenta Baruk — quem quer que se oponha à sua consciência moral e que viole as leis da equidade e da natureza humana expõe-se a sentir um mal-estar muito especial, um juízo interior insuportável... tão insuportável que, com freqüência, é sumariamente reprimido por uma espécie de reação defensiva muito violenta, que elimina da consciência esse sentimento intolerável. É claro que essa eliminação é apenas aparente e o desaparecimento do sentimento de culpa não é mais do que uma ilusão: subsiste camuflado e inconsciente, e assim vai tornando-se cada vez mais temível. Não mais expressando-se oficialmente no psiquismo do indivíduo, expressa-se por reações exteriores aparentemente incompreensíveis e, com freqüência, aterrorizantes.”

O Dr. Roger Reyss,<sup>14</sup> também psicanalista, acrescenta: “Quantos de nossos pacientes são atormentados por sentimentos de culpa! Quantos mostram, durante o processo analítico, problemas da vida não resolvidos; quantos têm delírios de um tema fixo... Recordo-me da doença de um de meus professores que procurara, sem êxito, um mito redentor ‘para expiar a sua culpa’, mas que acabou descobrindo, em meio à sua loucura, por uma estranha conversão, a impossibilidade e a inutilidade do esforço humano...”

Para justificar-se, prossegue o Dr. Baruk, aquele que reprime a sua consciência “costuma desviar o seu descontentamento para vítimas inocentes... artificialmente criando culpados. Os mais fracos passam a desempenhar o papel de bode expiatório, e contra eles recairá tanto mais excitação e ódio quanto maior for a sua inocência... É esse o mecanismo do bode expiatório, e ele é tão importante que desempenha na história social e na história dos povos o papel tão fundamental que é o instinto de agressividade.”

E é assim que, a partir da observação dos alienados, Baruk consegue demonstrar que a agressividade e os conflitos de sangue da humanidade